

ESPAÇO MENTAL: UMA VISÃO PSICANÁLITICA*

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho**

<i>Where star-cold and the dread of space</i>	<i>Onde o frio-estelar e o pavor do espaço</i>
<i>in icy silence bind the main</i>	<i>retêm o essencial com um silêncio gélido</i>
<i>I feel but vastness on my face</i>	<i>meu semblante se impregna de imensidão</i>
<i>I sit, a mere incurious brain,</i>	<i>Sento-me, mero espírito indolente</i>
<i>under some outcast satellite</i>	<i>coberto por algum satélite desterrado.</i>

[Poems (1914)

Brennan, Christopher (1870-1932)

Poeta simbolista, e às vezes acadêmico,
australiano.]

(Tradução livre do autor com a colaboração

de Augusto de Campos)

1) Introdução

A primeira menção de Freud à projeção ocorreu significativamente no seu rascunho H(1895a) dedicado à paranóia. Este rascunho anexado à sua correspondência com Fliess, descreve a paranóia como uma modalidade patológica de defesa onde a incapacidade de admitir um desejo proibido faz com que a reprimenda ao mesmo abandone sua condição interna de auto-crítica, e adquira uma condição de crítica externa com colorido delirante. No exemplo clínico que lhe serve de ilustração, uma moça que havia sido seduzida mas que reprimia totalmente a experiência para não correr o risco de admitir-se como leviana, desenvolve um delírio persecutório onde as vizinhas estão o tempo todo se condoendo dela em função de sua conduta vexatória. Ao comentar o efeito econômico desta defesa, Freud reconhece implicitamente que o mesmo ocorre em função de um *rearranjo espacial* já que afirma literalmente que através do subterfúgio "o assunto principal permanece intocado, o que se altera é alguma coisa na *alocação* (placing) global do processo".

* Trabalho apresentado em Seminário realizado no Instituto "Sedes Sapientiae", em São Paulo, em 15/05/98 e no I Encontro do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região, realizado em Campinas, de 29 a 31/05/98

** Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Evidentemente, não devemos supor que o reconhecimento deste mecanismo tenha ocorrido com o advento da Psicanálise já que encontramos descrições em diferentes campos de observação da natureza humana que se superpõem com bastante proximidade à formulação freudiana. Escolhi para nos ajudar a traçar um paralelo, um exemplo oriundo da história das mentalidades, e referente à associação que sempre se fez entre espaços geográficos desconhecidos e sua ocupação por monstros, demônios ou seres bizarros. Bruno Roy, num artigo intitulado "En marge du monde connu: les races des monstres", apresenta-nos uma passagem bastante curiosa para nosso assunto: "O medo do desconhecido geográfico, do qual os monstros são a materialização, não é senão um reflexo dos numerosos medos que estão no interior dos homens: medo de perder a integridade corporal, medo de uma punição iminente a certos comportamentos, medo do desmoronamento do frágil edifício social"¹.

Mais interessante ainda é constatar-mos que o imaginário europeu aproveitou também este desconhecido geográfico para povoá-lo com seus anseios pelo diferente e o exótico, chegando até a produzir descrições detalhadas do reino mítico do Preste João e do próprio Paraíso Terrestre. No século XIV imaginava-se que o norte europeu era habitado por seres hiperbóreos que viviam nas trevas, que no norte da Ásia ficava o lendário país de Gog e Magog, no centro o reino do Preste João e, em algum lugar, o Paraíso Terrestre, cercado por montanhas e por uma cortina de ferro. Para além do Índico, a distância inatingível permitia imaginar a existência de um universo antinômico habitado por seres antípodos como cinocéfalos, cíclopes, trogloditas e acéfalos. Segundo Le Goff, durante séculos o Oceano Índico constituiu-se em *horizonte mental* dos anseios exóticos do europeu medieval, "o lugar de seus sonhos e do fluir de seus instintos", verdadeira cornucópia produtora de pérolas, sedas, madeiras, especiarias, e, no campo sexual, de liberdades fascinantes como o nudismo, a poligamia e o incesto.

No entanto, à medida que o conhecimento real foi desmistificando o universo fantasioso do Índico, seu papel foi sendo *deslocado* para o Atlântico, levando Laura de Mello e Souza (1995) a assinalar que "o maravilhoso estaria fadado a ocupar sempre as *fimbrrias* do mundo conhecido pelos ocidentais"², o quê, em termos psicanalíticos equivaleria a dizer que a projeção implica sempre o reconhecimento de uma zona intermediária entre o conhecido e o desconhecido.

¹ Artigo inserido numa coletânea significativamente denominada de "Aspects de la marginalité au Moyen Age". A noção de "ego corporal geográfico", de Paul Federn, é precursora de uma explicação psicológica para estas vivências.

² Sérgio Buarque de Hollanda (1992), demonstra o lento deslocamento do mito do Paraíso Terrestre para o Universo Atlântico: no século X foi imaginado no meio do Oceano Índico, depois foi sendo deslocado para outras direções acompanhando o progresso dos conhecimentos geográficos, até começar a se dissipar em fins do século XVI, para só desaparecer do imaginário popular no século XVIII.

Se atentarmos para alguns termos desta exposição inicial como *rearranjo espacial, alocação, margem, horizonte, deslocamento e fimbrias*, forçoso é reconhecer-se que o plantel semântico assinala de modo inequívoco a utilização de uma noção de espaço apreensível a olho nu ou, talvez mais expressivamente, compatível com a mente nua nascida no “cosmos” euclidiano. No entanto, a ciência deste fim de século, munida de um aparato tecnológico inédito como o Telescópio Hubble, o microscópio eletrônico de varredura e os aceleradores de partículas, está desvendando um espaço inapreensível para a “mente euclidiana” que se estende do macrocosmo ao microcosmo, das origens misteriosas do Universo às profundezas desconhecidas da alma humana.

Há 15 bilhões de anos, nas bordas de um pretenso abismo cósmico, imaginamos hoje o Universo das origens com seus quarks e gluons e com os choques violentos da antimatéria com a matéria, gerando um espaço e um tempo evanescentes. Gradualmente, foram surgindo os núcleos, os átomos, as moléculas, os planetas e, há 3 bilhões e meio de anos, a própria vida. Em seguida, um ser conseguiu deambular num continente de um certo planeta de um dado sistema solar: um pré-humano, conhecido como *australopithecus*. Há 3 milhões de anos, Lucy, nossa ancestral agora ilustre, desce das árvores e adquire uma postura ereta. Há 100 mil anos já possuíamos o cérebro de 1.200cm³ que um dia passou a observar o céu com uma luneta, hoje transformada neste fantástico Hubble que catapultou nossa visão a 3 bilhões de km¹⁶ onde se deparou com um superconglomerado de galáxias. As fotos que estamos recebendo vão nos revelando os turbulentos processos envolvidos no nascimento e na morte das estrelas. Algumas delas são mostradas emergindo da nuvem conseqüente à explosão de uma super-nova e transformando-se num buraco negro, o monstro gravitacional que devora poeira, gás e até a luz. Outras se atrofiam numa anã branca, objetos que atingem uma densidade acima de 100 bilhões de kg/m³, como se fossem um tição cósmico.³

Isto tudo nos fornece bem a ordem de grandeza do macrocosmo neste final de século mas, no que tange ao microcosmo, temos nos surpreendido com as incríveis realizações da genética molecular e da física de partículas. Na sua descida vertiginosa em busca do cerne da matéria os físicos, através dos aceleradores de partículas, já percorreram uma distância de 10¹⁸ metros, no intuito de caçar duas partículas, o *6* quark e o boson de Higgs, que estão

³ A expressão “tição cósmico” foi traduzida do inglês “cosmic ember”, usada no artigo de onde tirei estas informações. É interessante assinalar os dois sentidos figurados da palavra *ember*: a) resíduo de uma atividade quase em extinção e, b) emoções, lembranças, idéias ou reações experimentadas no passado e ainda capazes de serem reativadas. Quanto ao branco, A. Green (1988) nos apresenta uma discussão útil partindo da bifurcação semântica entre a cor, o *albus* latino, e o vazio, o *blank* anglo saxão. O branco seria o invisível ou insensível e, no limite, o inconcebível e impensável. No entanto, o preto também é visto como espaço despovoado, vazio, o buraco negro, em suma.

faltando para comprovar a Teoria do Todo, a teoria unificadora mais avançada da atualidade. Mas, porque isto iria nos interessar, a nós psicanalistas? Eu diria, que em função dos vários modelos que estas descobertas vão nos fornecendo para ajudar no esclarecimento e na comprovação de nossas próprias teorias a respeito do funcionamento mental. Citarei dois exemplos. O primeiro refere-se à complexidade do vazio apreendido pela física de partículas, um verdadeiro oceano de partículas virtuais interagindo entre si, e com a matéria em volta, e determinando um estado de energia dita "fraca": não seria esta uma condição similar aos estados mentais de estupor catatônico? O segundo é uma informação alegórica fornecida pelo astrofísico francês Michel Cassé (1993) no seu interessante livro "Du Vide et de la Création". Ele nos explica que a organização e a desorganização da matéria, sua composição ou decomposição, são frutos de conflitos ou de alianças conjunturais de quatro forças manifestas: gravitacional, eletromagnética, fraca e forte. A teoria quântica dos campos mostra que existem partículas que veiculam as forças, denominadas de bosons, e outras que sofrem a interação, denominadas de fermions. Cada uma destas partículas possui um atributo quântico, o spin, que vem a ser um dado sociológico do microcosmo já que define o caráter social ou rebelde da partícula. Em suma, conclui Cassé, os fermions são individualistas e os bosons coletivistas, o que ressoa, a meu ver, com a proposição de Bion de que o crescimento psíquico é função de uma articulação entre as tendências narcisistas e socialistas do indivíduo. E já que estamos diante de um conflito ou paradoxo central do psiquismo humano, seria um bom momento para retornarmos a Freud.

2) Freud

Freud não faz qualquer referência a um espaço mental ou psíquico, apesar de referir-se a processos internos e externos, à internalização, introjeção, incorporação, bem como à projeção e a mundo externo. Sabemos, no entanto, que já no *Projeto* (1895b) ele elabora o surpreendente conceito de barreira de contato¹ (kontaktsschrank), que teria a função de impedir e facilitar a passagem entre consciente e inconsciente, entre memória e percepção, entre quantidade e qualidade. Sua estrutura seria a de um envoltório de duas faces, uma voltada para as excitações do mundo exterior e delas protegida por um "escudo protetor", e a outra voltada para as

¹ Bion foi o único autor a retomar este conceito, que aliás já antecipara o conceito de sinapse introduzido por Scerrington, em 1897. Bion o utiliza como parte integrante da função alfa, uma espécie de membrana permeável a permitir a diferenciação entre qualidades conscientes e inconscientes.

excitações endógenas as quais, no entanto, só poderiam ser reconhecidas se projetadas ao mundo exterior e associadas a representações sensoriais, justificando o fato das pulsões só poderem ser identificadas através de seus representantes psíquicos.

Para os propósitos desta apresentação, tentarei esboçar alguns desdobramentos da obra de Freud no intuito de demonstrar como ela está impregnada de noções espaciais e topográficas, a ponto de levá-lo a concluir (Freud, 1938) que a concepção humana de espaço poderia ser conseqüente a uma projeção do aparato psíquico, invertendo a idéia de Kant de que o espaço e o tempo seriam determinados aprioristicamente.

De fato, desde os *Estudos sobre A Histeria* (1895c) a concepção de inconsciente implicou numa diferenciação topográfica do aparato psíquico o qual, sendo organizado em estratos, determinava que a reintegração ao ego das memórias inconscientes se fizesse seqüencialmente, como na passagem de um desfiladeiro, modelo com evidente conotação espacial. A primeira conceitualização topográfica do aparato psíquico ocorre no cap. VII da *A Interpretação dos Sonhos*, é ampliada nos artigos metapsicológicos de 1915 e está cunhada também em termos espaciais, como se depreende dos termos "censura entre instâncias", "antecâmaras", "fronteiras entre sistemas" e assim por diante. Seu entendimento de "localização psíquica" é esclarecido por sua comparação entre o aparato psíquico e um microscópio: nesta analogia, os sistemas psíquicos corresponderiam aos pontos virtuais entre as lentes² e não às partes tangíveis.

A partir do cap. IV de *Mais Além do Princípio do Prazer* (1920) Freud passa a comparar o aparato psíquico com a vesícula protoplasmática, propondo que o Sistema Pcpt - Cs está inserido na fronteira entre interior e exterior, recebendo as excitações do mundo externo e envolvendo os demais sistemas psíquicos que podem lhe transmitir sentimentos prazerosos ou desprazerosos. Este modelo é representado pelo famoso diagrama que exalta a perspectiva topográfica sobre a econômica e onde o Ego é designado como envelope psíquico. Diz Freud (1923): "Podemos agora encarar o indivíduo como um Id psíquico desconhecido e inconsciente, sobre cuja superfície repousa o Ego, desenvolvido a partir de seu núcleo, o Sistema Pcpt. Se fizermos um esforço para representá-lo pictorialmente, é preciso acrescentar que o Ego não envolve completamente o Id, fazendo-o somente naquela parte que corresponde à localização superficial do Sistema Pcpt., mais ou menos como o disco germinativo

² Neste sentido, pode-se dizer que Freud já intuía a possibilidade de experimentos de realidade virtual, como por exemplo, o Projeto CAVE, que está estudando no Centro de Supercomputação de San Diego, problemas sinestésicos conseqüentes a traumas cranianos (Scientific American, Oct., 1997, pp. 28).

³ D. Anzieu (1988) lembra-nos oportunamente que a idéia de um espaço fusional intermediário entre o Ego e o Id é confirmada pela clínica, por exemplo, a experiência de Winnicott que o levou a postular o espaço transicional.

repousa sobre o ovo. O Ego não fica claramente separado do Id pois sua parte inferior mergulha nele³. A seguir, Freud destaca a importância da pele na formação do Ego, ponto de partida do conceito de Eu-Pele desenvolvido por D. Anzieu (1989): "O corpo de uma pessoa, e acima de tudo sua superfície, é um lugar do qual podem brotar percepções tanto internas quanto externas. À visão, parece um objeto qualquer, porém ao tato fornece dois tipos de sensações, uma delas equívulendo a uma percepção interna".

Este modelo do aparato psíquico funcionando como um envelope encontra uma confirmação em 1925 quando Freud se dá conta do funcionamento do bloco mágico: no brinquedo, o celulósido funcionaria como um "escudo protetor contra estímulos" ou seja, como o Sist. Pcpt-Cs., e a lâmina inferior de cera que retém a escrita, equívulencia ao estrato psíquico que retém o traço mnêmico.

O esquema do aparato psíquico fornecido no *Ego e o Id* em 1923 é modificado em 1933 na 31ª Conferência Introdutória, significativamente denominada de "A dissecação da personalidade psíquica": ali Freud introduz o Super-Ego no lugar ocupado pela "calota acústica" no esquema anterior, e propõe uma abertura inferior no envelope que antes era contínuo. Esta abertura materializaria a continuidade do Id e de suas pulsões com as necessidades biológicas, confirmando o fracasso do Ego em se constituir como envelope total do psiquismo.

Após este breve resumo das implicações do Ego como interface entre mundos interno e externo, estamos aptos a examinar o aprofundamento desta questão fornecida pela obra de Paul Federn (1871-1952) e contida principalmente em seu livro póstumo "Psicologia do Ego e as Psicoses".

3) Federn

Federn concentrou seu interesse no estudo dos estados de transição entre consciência e inconsciência através da observação do ciclo sono-vigília, dos desmaios, das condições pré-anestésicas e dos estados psicóticos de despersonalização.

Ele parte do reconhecimento de um tipo singular de vivência, o *sentimento do Ego*, que permite a apreensão de sua paradoxal condição de ser simultaneamente sujeito e objeto. Esta vivência ocorre através da integração de um sentimento de continuidade temporal, um sentimento de proximidade espacial, e um sentimento de

causalidade. Ao contrário de Freud, admite que o sentimento de um ego mental é o primeiro a ser experimentado pela criança que só depois vai adquirindo gradualmente o senso do ego corporal. Isto pressuporia uma pré-concepção de que a “entrada” do ego no corpo seria ameaçadora em função dos riscos de mortalidade e finitude; neste contexto, os estágios psicosssexuais de Freud representariam uma disseminação do ego pelo corpo a qual, devido ao risco mencionado, não ocorreria sem uma carga de ambivalência.

Postula a seguir um *sentimento das fronteiras do Eu*, condição inconsciente, que forneceria um senso demarcatório dinâmico entre o eu corporal, o eu psíquico e o super-ego, permitindo que o eu possa existir até onde persistir um sentimento de unicidade. Neste sentido, o que costumamos denominar de “presença de espírito” corresponderia a um paralelismo entre a prontidão das fronteiras do ego corporal, e a prontidão mental de adaptação à mudanças súbitas de situação.

Estas fronteiras do Eu sofrem flutuações constantes em função das variações do investimento libidinal: “Quando uma fronteira do Eu vem carregada de sentimento libidinal intenso, mas não é apreendida em seu conteúdo, o resultado é um sentimento de êxtase; quando, por outro lado, o sentimento é apenas apreendido e não sentido, sobrevem um sentimento de estranheza”.

A este respeito Federn escreveu um artigo ao redor de 1950 denominado “A resposta do Ego à dor” que elucida metapsicologicamente uma importante afirmação de Bion (1970) relativa a certos pacientes tão intolerantes à frustração, que acabam sentindo a dor psíquica sem no entanto sofrê-la. Eis o que nos sugere Federn em seu artigo:

Há uma pequena distinção, porém muito importante, entre “sofrer uma dor” e meramente “sentir uma dor”. O sofrimento vem a ser a experiência direta, incluída nas fronteiras do ego, da dor mental causada pelo evento ou objeto doloroso ou então, respectivamente, pela memória e pela representação objetiva. Através de tal sofrimento o ego concebe a intensidade plena do evento. A próxima vez que a idéia retorna, a dor já não é sentida na mesma intensidade. Este é o passo mais elementar na mágoa e no luto normais. A aceitação da dor é o tributo que pagamos à normalidade.

O indivíduo que está prestes a se tornar deprimido não paga o tributo. Ele sente o objeto “atormentador” (afflicting object) como algo que aflige (that pains) a fronteira do ego vindo de fora.

Ele pode sofrer a dor infligida ao ego narcisisticamente, mas ele não a sofre diretamente no interior da fronteira de seu ego como a pessoa normal. Portanto, sempre que o evento ou que a memória do evento volta, ele é sentido pela fronteira do ego que não se modificou, com a mesma intensidade da primeira vez. (Nota de Edoardo Weiss: Dentro do ego, a dor pode, por assim dizer, ser digerida e assimilada neste órgão interno. O luto persistente é causado pela falha do ego em efetuar esta "digestão", ou seja, o trabalho de luto).

Outra noção antecipatória de Federn é a de engrama, um tipo de registro psíquico para qualquer novo estímulo que visualiza, em termos uni-dimensionais, aquilo que Bion posteriormente chamou de ideograma em termos pluri-dimensionais.

Eigen (1993) tem uma interessante leitura sobre as implicações clínicas da teoria de Federn, ao vê-las sugerindo que precisamos tanto aprender a encolher para progredir, quanto a nos esticar para oxigenar nosso Self. Deste modo estaremos explorando constantemente um senso de realidade que respeita as polaridades finitude/infinitude e encarnação/ desencarnação e por isso mesmo, descobrindo continuamente quem somos e quem não somos. Ou então, se preferirmos a poesia filosófica de Bachelard (1996), estaremos entendendo nosso ser como condensação que se dispersa explodindo e como dispersão refluindo para um centro.

4) A contribuição de Paul Schilder (1886-1940)

As contribuições do neuro-psiquiatra e psicanalista vienense Paul Schilder colocam em evidência as representações inconscientes do Self complementando assim as de Federn que são primordialmente pré-conscientes. Em seu livro pioneiro de 1935 "A imagem e a aparência do corpo humano" ele desenvolve dois importantes conceitos o de *imagem corporal* e o de *esquema corporal*: a imagem corporal introduziria o corpo à própria mente através das vias proprioceptivas enquanto o esquema corporal representaria o conhecimento mental constante do próprio corpo.

5) A pluri-dimensionalidade kleiniana

Melanie Klein não utiliza a expressão *espaço mental* ou *psíquico* apesar de falar em *objetos internos*, *mundo interno* e *ge-*

ograpia do corpo materno; esta expressão só virá a ser utilizada dentre os autores kleinianos por Bion (1965) em *Transformações*.

Meltzer (1980) no entanto considera que a noção de *espaço interno* permeia toda a obra de M. Klein em função de uma mudança epistemológica em relação ao aparelho psíquico proposto por Freud, ao adotar implicitamente a orientação platônica segundo a qual todo significado emocional externo tem sua origem em relações internas: daí ela considerar a fantasia inconsciente como expressão das relações concretas entre os objetos internos e partes do Self.

Didier Houzel (1985) ao traçar a evolução do conceito de espaço psíquico em M. Klein propõe que o espaço que alberga os objetos internos e suas relações recíprocas, deva ser pelo menos quadri-dimensional. Como sabemos, foi E. Bick (1968) e posteriormente Meltzer (1975) que descreveram a bi-dimensionalidade, a condição psíquica onde há indiferenciação entre espaços internos e externos, levando à produção de identificações adesivas. Com a tri-dimensionalidade surgem os espaços internos do objeto e do Self, no interior dos quais qualquer coisa pode ser projetada ou introjetada. A quadri-dimensionalidade seria possível através da introjeção da parrelha parental que marcaria a transição de uma relação narcísica a outra do tipo objetal.

A criação destes dois últimos espaços comporta diferentes explicações metapsicológicas segundo o referencial teórico utilizado. Britton (1989) por exemplo, invoca a necessidade do estabelecimento de um espaço triangular como condição *sine qua non* para apreensão dos conflitos edípicos. Uma proposta mais recente nos é oferecida por Dana Breen (1996) e seu conceito de pênis-como-vínculo, o qual exerceria um papel estruturante do psiquismo ao vincular pai e mãe, masculino e feminino, além de determinar a estrutura edípica plena. Segundo ela, quando esta estruturação ocorre clinicamente, há uma mudança na qualidade da transferência pois o paciente pode começar a observar-se e à interação com o analista a partir de uma *terceira posição*⁴ configurando um comportamento tri-dimensional.

Pode-se portanto depreender que o espaço psíquico kleiniano possui três fronteiras: uma com o mundo exterior, outra com o espaço interno dos objetos externos e a última com o espaço interno dos objetos internos. A descrição da identificação projetiva (M. Klein, 1946) mostrou as possibilidades de interpenetração entre

⁴ Equivalente ao terceiro estágio de construção de modelo de mundo na criança o dualista, proposto por Money-Kyrle (1961), onde emerge a capacidade de auto-consciência; equivalente também à descrição de Ogden (1985), da evolução do estado de "unicidade" do bebê para o estado de "trin-dade, onde o bebê como sujeito, passa a ser observador de mãe e bebê como objetos (simbólicos).

o espaço interno do self e do objeto, no entanto, restou a ser explorada a fronteira entre espaço interno do Self e espaço interno dos objetos internos: o estudo desta fronteira nos permite diferenciar a introjeção narcísica de Self-objetos com os quais o Self se identifica através de uma espécie de identificação projetiva com os objetos internos, da verdadeira identificação introjetiva.

Em seu livro sobre o *claustrum* Meltzer (1992) desenvolve a dimensão geográfica do aparelho mental imaginando-o constituído por mundo externo, mundo interno, interior dos objetos externos, interior dos objetos internos, sistema delirante (nenhures) e útero. O *claustrum*, definido como o mundo interno da mãe interna, está dividido em três compartimentos: a Cabeça / Seio maternos, o Genital materno e o Reto materno. Os orifícios destes compartimentos, a boca, a vagina e o ânus são entrevistados não só como vias de internalização do pênis paterno, mas também como vias de expulsão de objetos intrusos, função esta que explicaria as angústias de natureza claustrofóbica.

Assinale-se, finalmente, que desde o artigo de Melanie Klein (1930) sobre a formação de símbolos, os analistas kleinianos têm acompanhado as transformações do espaço interno através do pensamento, ou seja, daquilo que Meltzer (1980) denominou de “cenário de elaboração de significados”: duas importantes contribuições neste sentido foram dadas por H. Segal (1957) com sua descrição da equação simbólica e por Money-Kyrle (1968) com sua descrição do desenvolvimento cognitivo.

6) O espaço potencial de Winnicott

“O bebê cria o objeto, mas o objeto estava lá esperando para ser criado...” (Winnicott, 1968). As formulações de Winnicott exibem, freqüentemente, a leveza e o tom enigmático de um *hai-kai* que pretende, assim, ajudar o leitor a aceitar certas realidades paradoxais como seu conceito de espaço potencial: o lugar ocupado pelo brincar, pela criatividade, pelos fenômenos transicionais e pela experiência cultural (1971). Este espaço potencial jaz “entre o objeto subjetiva e o objeto objetivamente percebidos, entre extensões do eu e o não-eu” (1967).

Winnicott propõe que para que ocorra uma transição entre a unidade mãe-bebê inicial e o estágio posterior de individualização é preciso que haja entre a mãe e o bebê um espaço potencial (que

nunca se concretize) preenchido pelo paradoxo de que bebê e mãe são um e são dois: o objeto transicional então seria um símbolo para esta separação na unidade e para esta unidade na separação.

Ogden (1985) sugere que esta peculiar correlação entre "eudade" e alteridade poderia ser melhor aceita se a entendêssemos como um processo dialético diretamente envolvido na criação da subjetividade, a qual surgiria quando fosse possível diferenciar símbolo, simbolizado e sujeito interpretante. O espaço entre o símbolo e o simbolizado, mediado por um Self interpretante, seria o espaço onde a criatividade tornar-se-ia possível e onde o ser humano se viabilizaria como um organismo ativo e não meramente reativo. Seria este, a seu ver, o espaço potencial de Winnicott.

7) Espaço: a invariante sob psicanálise, segundo Bion.

Acho bastante provável que Bion tenha apreendido a semente desta invariância a partir de um trecho da conversa entre *Alice* e *Humpty-Dumpty*, onde este diz ter ganhado uma gravata do Rei e da Rainha Branca como presente de *não-aniversário*. Ao indagar a respeito deste tipo de presente, é informada que se trata de qualquer presente que nos seja dado quando não é nosso aniversário, ao que ela retruca dizendo gostar mais dos presentes de aniversário: evidentemente, temos aqui uma informação *lógica* e um comentário *psico-lógico*. Podemos no entanto pensar que lendo esta passagem, Bion tenha se inspirado no *espaço ocupado pelo não-aniversário*, como expressando a dimensão *meta-psicológica*, na medida em que o existir psíquico de uma pessoa acontece através de poder *pensar* sua identidade ao longo do espaço situado entre duas datas de aniversário (nas quais a pessoa, por assim dizer, existe "concretamente").

A configuração continente-contido utilizada inicialmente por Bion como modelo na compreensão de mudanças catastróficas passíveis de ocorrer intra - e inter - psiquicamente, foi posteriormente correlacionada com o mecanismo de identificação projetiva e proposto como um elemento de psicanálise. Por que? Provavelmente, porque o aparelho psíquico proposto por ele funcionaria segundo o modelo das funções digestiva e sexual, desde que consideradas pela faceta do armazenamento de informações. De que maneira isto ocorre? Através da operação de uma função pensante por ele denominada de função alfa. A tarefa básica desta função é "digerir" os estímulos

sensoriais externos e os estímulos emocionais internos através de uma armazenagem ideogramática, ou seja, através de uma peculiar articulação espacial destes estímulos. São estes "ideogramas", os elementos alfa, que serão posteriormente utilizados na confecção de *novos* pensamentos, de maneira análoga à utilização dos amino-ácidos absorvidos pelo organismo, na síntese de *novas* moléculas protéicas. Sublinhei o sentido de novidade por ser a chave da inserção da função sexual neste modelo, já que a fertilidade e criatividade conseguidos através da informação genética, são fruto da articulação espacial da estrutura helicoidal do D.N.A.. Além do mais, o emparceiramento sexual é um ótimo modelo para a interação dialética que estaria, como nos alertou Ogden, na base da constituição da subjetividade.

Para Bion, a mola propulsora do pensar dependeria da capacidade do sujeito de lidar com a ausência do objeto, ou seja, de lidar com um espaço preenchido pela não-coisa, se optarmos por uma afirmação, ou com um espaço onde a coisa (objeto) estava, se preferirmos a negação. Daí postular o domínio do pensamento como um espaço ocupado por não-coisas e sugerir que a origem intrapsíquica da Geometria Euclidiana ocorreria através da experiência do "espaço" que "foi ocupado" por um sentimento, emoção ou qualquer outra experiência mental.

Em *Atenção e Interpretação* (págs. 8 e segs.) Bion (1970) nos lembra que a descrição apresentada por Melanie Klein da identificação projetiva pressupunha no paciente a noção de um espaço tri-dimensional povoado por várias modalidades de objetos no interior dos quais ele projetaria as partes excindidas de sua personalidade: o grau da fragmentação e a distância da projeção seriam os fatores determinantes da perturbação do contato com a realidade. No entanto, na personalidade psicótica privada da concepção de continentes em cujo interior a projeção pudesse ocorrer, surge uma projeção explosiva no próprio espaço mental, o qual é infinitamente maior que o espaço tridimensional: perde-se assim a capacidade de estar em contato com as emoções pois estas se escoam numa imensidão tão vasta que nem o espaço astronômico poderia representá-la, já que ela não admite representação.

Neste sentido, o setting analítico, por definição, deveria ser entendido como um espaço propício à contenção da não-coisa, espaço este que deveria ser construído com matéria prima fornecida pelo analista mas com mão de obra conjunta, paciente e analista. Um

exemplo plástico disto nos é dado por uma situação clínica vivida por uma supervisionanda:

Ela atendeu um garoto de onze anos numa primeira entrevista na qual ele fez um desenho de um lado de uma folha em branco. Alguns dias depois ela recebeu os pais da criança para uma entrevista em separado e anotou alguns dados da conversa também numa folha em branco. Acertado o início do atendimento com o garoto ela o recebe para a primeira sessão explicando-lhe que dispõem de uma caixa com alguns objetos onde poderiam guardar tudo aquilo que fosse produzido por eles no decorrer do trabalho. Ele de imediato pede-lhe um favor: gostaria de guardar dentro da caixa o desenho que fizera na primeira entrevista. Ela concorda, mas ao pegar o tal desenho de dentro de uma pasta, percebeu, para seu espanto e perplexidade, que justamente fizera as anotações da entrevista com os pais, no verso da folha em que ele havia desenhado. Sentiu-se aflita e constrangida, mas manteve o bom senso a ponto de lhe dizer: “olha, nós estamos com um problema, eu fiz umas anotações do meu interesse do outro lado da folha em que você desenhou, como é que podíamos fazer para separar aquilo que é seu daquilo que é meu?” Para sua surpresa, a resposta dele foi imediata: “escuta, você não tem uma caixa onde você guarda suas coisas?” Ela lhe responde que sim. “Então, você copia o que lhe interessa numa outra folha e guarda na sua caixa, eu copio o meu desenho e guardo na minha caixa. “Ela então lhe pergunta: “mas o que vamos fazer com esta folha que contém coisas suas e minhas?” “Ora, vamos precisar de uma outra caixa para guardar aquilo que for produto do cruzamento entre as minhas coisas e as suas”. Este me parece ser um lindo exemplo do estabelecimento do espaço comum a analista e analisando nascido da interação emocional pura e genuína.

8) Grotstein e Matte-Blanco

Em 1978 James Grotstein produziu uma síntese magnífica daquilo que se produzira a respeito da noção de espaço mental: a *identificação adesiva* de Ester Bick (1968), o *desmantelamento* de Meltzer (1975), a *pluri-dimensionalidade* de Matte-Blanco (1975) e a noção de *espaço negativo* de Bion (1963,1965). Este fato permitiu-lhe mapear os estados psíquicos associáveis com a representação geométrica do espaço mental, além de estimulá-lo a criar o conceito de *background object* (objeto suporte), para dar conta da instalação

⁵ Na realidade, Matte-Blanco acha que "a tentativa de traduzir os aspectos an-espaciais e atemporais da natureza humana em termos de espaço-tempo é essencial ao pensamento, mas constitui sempre uma forma de "pensatear" ("thinkating"). Define "pensatear" como a tividade que tenta pensar o impensável tratando-o, sem sucesso, como se fosse pensável.

de um dos núcleos fundantes do Ego, ligado à constituição de um eixo vertical para sustentar a "estrutura" do espaço mental.

A partir da década de 50 Matte-Blanco estudou as bases filosóficas, físicas e lógico-matemáticas da espacialidade psíquica, concluindo que os fenômenos psíquicos necessitam, para serem compreendidos, de um espaço com dimensões superiores a três, mas que só podem ser expressos em termos de um espaço tri-dimensional acrescido da dimensão temporal. Em seu último livro *Thinking, Feeling and Being* (1988) discutiu em profundidade as implicações da dimensionalidade dos objetos e do mundo interno. Seu alerta inicial refere-se à falácia de acharmos que os fenômenos projetivos e introjetivos envolvem somente objetos tri-dimensionais circulando por espaços tri-dimensionais. De fato, para tentar pensar sua experiência básica de indivisibilidade o ser humano acaba se valendo de uma noção de espaço com dimensões infinitas⁵. Além do mais, uma série de fatos essenciais à mente individual e à relação intersubjetiva não podem ser apreendidos nos termos da antítese interno-externo (como por exemplo a noção de *nenbures* que Meltzer usa para descrever o sistema delirante, ou então a descrição de Bion de um objeto sem interior ou exterior).

Como o mundo interno tem provavelmente uma dimensão maior que três, torna-se evidente que um dado objeto pode ser introjetado no interior de uma certa "estrutura" espacial, permanecendo no entanto externo a "estruturas" espaciais de dimensão inferior: esta seria uma outra maneira de entendermos a noção de *objeto parcial*.

9) A experiência psicótica

Como em qualquer outro campo, a psicopatologia do espaço mental ajuda-nos bastante no entendimento de sua psicologia. Acho que a referência inicial obrigatória ao considerar-se a contribuição da experiência psicótica seriam os artigos de Freud (1911) sobre Schreber e o de Tausk (1919) sobre a máquina de influenciar. Ambos, como sabemos, estudam em minúcia os distúrbios econômicos das libidos narcísica e objetual, descrevendo um interjogo sintomatológico que vai nos ajudando a mapear as características do espaço mental. Tome-se como exemplo a descrição apresentada por Schreber de que os homens são compostos de corpo e de espírito ou mente (Seele), a qual estaria encerrada nos nervos do corpo que

o envolvem como uma rede filamentar finita. Freud, ao nos oferecer esta descrição estava interessado em explicitar o sistema teólogo-psicológico do delírio psicótico, eu no entanto estou destacando que, ao descrever dois tipos de nervos, os senso-perceptivos e os nervos do entendimento, (equacionados com toda a vida mental do sujeito), ele nos permite reconhecer aí o embrião dos conceitos de *Eu-pele* e *Eu-pensamento* que veremos mais adiante.

Um salto metapsicológico porém ocorreu com o reconhecimento de M. Klein (1946), influenciada por Fairbairn, da importância psicopatogênica dos fenômenos esquizo-paranóides e de sua principal conseqüência, a identificação projetiva patológica. A aplicação destas idéias à psicanálise de psicóticos foi, porém, deixada para seus seguidores como Segal, Rosenfeld e Bion.

Em seu artigo sobre *Ataques ao Vínculo*, Bion (1959) descreve uma ansiedade psicótica em que o paciente sentia-se ameaçado de que todos os seus conteúdos mentais se escoassem como uma espécie de urina deixando-o num estado de vacuidade que ele denominou de "mindlessness", termo para o qual até hoje, não encontrei uma tradução satisfatória. A seguir, em *Transformações* (1965) descreve uma condição clínica em que a psique não pode conviver com um tipo de "espaço" não-existente, já que produto de ataques invejosos consumptivos sobre todo objeto que exista, pelo mero fato ameaçador que ele *existe*. Este "espaço" intemporal e an-espacial aproxima-se à situação descrita na "Tea party" do Chapeleiro Maluco no *Alice no País das Maravilhas*.

Michael Eigen (1993) considera que de várias maneiras nos sentido de Self guarda um imprinting de seu vazio pré-natal. Propõe que a condição de "mindlessness" corresponde a uma atividade caótica enquanto que a condição de "nuli-ficação" (no-thingness) corresponderia a um aspecto passivo da condição humana. De qualquer modo, sua visão da catástrofe inominada de Bion é de uma fusão entre caos, nulidade e branquitude já que a personalidade estaria num processo de se desintegrar, experimentar e representar esta desintegração, representar a desintegração das representações, e desfazer-se a si mesma e à sua capacidade de representação, tanto quanto fosse humanamente possível.

A aproximação a um ponto zero de atividade psíquica é-nos oferecida também pela "psicose branca" de Green (1973) onde graças a uma negação maciça do pensamento, o sujeito desenvolve uma hipocondria em relação à cabeça com uma sensação de possuir um

buraco na atividade mental que o impede de funcionar psiquicamente. Green (1975) aliás, visualiza o espaço psíquico através dos limites do campo do pensamento nos moldes em que foram expressos na Grade de Bion, mesmo considerando-se a dificuldade de estimularmos com precisão o ponto de mutação entre o sensorial e o psíquico. Como sabemos, Bion oscilou entre considerar o elemento-beta um proto-pensamento e um objeto inanimado: uma sugestão interessante em relação a este dilema nos é apresentada por Rosemberg e Boraks (1997), ao se indagarem da importância do elemento-beta na constituição do espaço psíquico. Segundo elas, isto poderia ocorrer na instância de *excorporação* descrita por Green (1988), em que a personalidade expulsa uma parte do corpo sujeita a uma excitação excessiva ou indevida para o espaço envolvente, constituindo-se assim como um estágio intermediário entre a projeção e a identificação projetiva.

10) Visão estética do espaço mental.

Os psicanalistas vêm sendo obrigados, por uma questão de observância de suas dificuldades em expressar e transmitir as vivências clínicas, a recorrer a formas de expressão artística para fazê-lo, aliviando-os das tentativas de consegui-lo com recursos próprios, os quais acabam se deturpando, como vimos na crítica de Matte-Blanco em relação ao “pensatear”. Felizmente, as artes têm sido pródigas em nos ajudar a representar o espaço mental: basta pensarmos nas pinturas cubista, surrealista e metafísica, nas esculturas de Brancusi, Henry Moore, Bárbara Hepworth e Anish Kapoor, ou nas arquiteturas oniróides de Gaudi e Hundertwasser. Aqui, só terei possibilidade de mencionar brevemente quatro exemplos extraídos da literatura.

Começarei pelo livro de Jonathan Spence (1986) *O Palácio da Memória de Matteo Ricci*, no qual podemos acompanhar as fascinantes aventuras deste missionário jesuíta à China da dinastia Ming onde, em 1595, produziu um livro com intuítos evangelizadores, valendo-se de imagens evocadoras de passagens do Novo Testamento e de ideogramas selecionados, procurando focar quatro temas básicos das culturas cristã e chinesa: guerra, lucro, dever e amor. O mais curioso, no entanto, e que mais nos interessa, é que estes ensinamentos foram dispostos num “palácio da memória”, ou seja, um construto mnemotécnico em que os elementos são distribuídos

ao longo dos aposentos de um palácio, segundo a tradição de mestres renascentistas da memória como Camillo, Cícero e Grataroli.

Passaremos da memória às potencialidades do espaço interior muito bem ilustradas pelo charme criativo de Xavier de Maistre (1989) em sua obra *Viagem ao Redor de meu Quarto*, publicada em 1794 e escrita, ao que consta, durante os 42 dias que passou numa prisão, em função de um duelo. A viagem ao redor do próprio quarto é evidentemente uma metáfora para a viagem pela própria subjetividade proposta pela Psicanálise; para isto, no entanto, necessitamos de um companheiro incorruptível caso contrário, ficaremos à mercê de nossas paixões idealizantes, como nos mostra esta bela passagem de Maistre sobre a visão que obtemos diante de um espelho:

Um espelho..... é, entre todos os conselheiros dos grandes, o único que lhes diz constantemente a verdade. Esta vantagem me tinha feito desejar a invenção de um espelho moral onde todos os homens se pudessem ver com seus vícios e suas virtudes. Pensava mesmo em propor um prêmio a qualquer academia para essa descoberta, quando maduras reflexões me provaram a sua inutilidade. Ah, é tão raro que a fealdade se reconheça e quebre o espelho! Em vão, os vidros se multiplicam em torno de nós, e refletem com uma exatidão geométrica a luz e a verdade: no momento em que os raios vão penetrar nos nossos olhos e pintar-nos tal como somos, o amor-próprio faz deslizar o seu prisma enganador entre nós e a nossa imagem, e representa-nos como uma divindade.

Saindo do campo da "normalidade" psíquica, farei duas menções de alterações da noção de espaço mental descritas por Michael Ende e por Samuel Beckett. Em seu conto HOR⁶, Ende (1984) descreve um ente que habita um prédio enorme completamente vazio, cujas paredes são comestíveis e têm o curioso dom de aplacar tanto a fome quanto a sede. Devido ao tormento produzido pelos ecos Hor foi baixando o tom de sua voz até seus órgãos da fala se atrofiarem. Os quartos (do edifício) têm janelas as quais, no entanto, abrem-se sempre para aposentos maiores: Hor tem esperanças de que um dia chegará a uma última parede exterior cujas janelas lhe proporcionarão a visão de algo totalmente diferente. Ele porém não sabe se é um ou muitos, se todos os outros seus eus por acaso não estariam situados do outro lado da última parede exterior, alheios às suas recordações, ou se não estariam sendo arrastados por ele atrás de si como uma cauda que desliza, infinita, através das salas e quar-

[Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.]

⁶ Agradeço a Francisca Teixeira a indicação deste conto.

⁷ Atente-se, por exemplo, à proximidade entre esta formulação de Beckett com as de Bion: "não fui eu quem criou o caos. Mas ninguém pode escutar uma conversa durante cinco minutos sem ficar intensamente consciente do caos. Ele está ao nosso redor e nossa única chance é deixá-lo entrar. A única chance de renovação consiste em abrir os olhos e ver, mesmo sem compreender. Proponha que deixemos o caos entrar porque ele é verdadeiro"

tos, sempre crescendo e crescendo...

Quanto a Beckett, temos um débito para com D. Anzieu (1994), não só por ter divulgado a fertilização mútua estabelecida com Bion, mas também por sua análise aguçada de como a obra do atormentado dramaturgo foi lhe permitindo superar um vazio existencial enlouquecedor, através da verticalização do pensar⁷. De fato, o homem, segundo Anzieu não é só um animal que aprumou-se e, ao apoiar-se na coluna vertebral, situou a cabeça em seu topo, mas que também situou o pensar no cimo do psiquismo, se usarmos esta derivação metafórico-metonímica. Ao escrever *Le Depeupleur* (que tanto significa despovoar quanto despojar e desguarnecer) Beckett (1970), através da alegoria dos três tipos de habitantes de um cilindro, recapitula sua experiência de três níveis do pensar em correspondência às três posições corporais de base: 1) Os *sedentários* corresponderiam a corpos sem psique envolvidos com a destruição do pensamento e reduzidos a um ponto no espaço uni-dimensional; 2) Os *indagadores* seriam corpos habitados por pensamentos erráticos e circulares, movimentando-se num espaço bi-dimensional, enquanto 3) Os *trepadores* aspirariam à ascensão, a um pensar pessoal, ou seja, a um espaço psíquico tri-dimensional.

11) A clínica do continente psíquico

Toda vez que reencetamos o esforço de registrar a experiência psicanalítica deparamo-nos com dificuldades específicas para reter a vivacidade da instalação do setting e do clima transferencial, elementos essenciais do processo psicanalítico. Se estamos envolvidos com qualquer questão conceitual da psicanálise, é imprescindível que em algum momento nos voltemos para nossa clínica em busca da singularidade viva que justifique qualquer pretensão de originalidade em nossa comunicação. É o que farei a seguir, na tentativa de ilustrar a clínica do continente psíquico.

O foco de meu relato é uma analisanda cuja análise comigo caracterizava-se por uma grande dificuldade na comunicação. Ao contrário do que poder-se-ia pensar à primeira vista, esta dificuldade não ocorria por falta de recursos formais: era uma mulher inteligente, desinibida, razoavelmente instruída, possuidora de um vocabulário amplo e cônica de sua beleza e de seu charme. Desde o início de sua análise demonstrou uma espécie de fobia em relação ao espaço da sala de espera: quase nunca sentava na poltrona, procurava esqui-

var-se de qualquer encontro refugiando-se no banheiro ou nos cantos; muitas vezes eu abria a porta de minha sala e me deparava com sua imaterialidade, obrigando-me a ter que me contentar por alguns segundos em “sensar” sua presença até que ela se materializasse. Quem sabe sua expectativa fosse de poder safar-se do incômodo de ter que ir embora ao final das sessões e ter que retornar na sessão seguinte: para tanto, parecia transformar-se numa espécie de espírito etéreo que ficava vagando por ali até o próximo horário, ocasião em que preferiria “baixar” no interior do consultório evitando assim os disabores dos encontros e desencontros humanos. De qualquer modo ao perceber-se em minha presença dentro da sala de atendimento, mostrava-se ansiosa e desajeitada; não sabia se olhava para mim ou para a janela, se me saudava ou se suspirava: sua aflição no entanto atingia o ápice quando se via impelida a ter que escolher uma posição no espaço relativo de nosso encontro. Por vezes, parecia que sua preferência seria ficar andando pela sala mas, não conseguindo sustentar esta opção, acabava se acomodando na poltrona situada em frente da minha. Em várias ocasiões expressou seu desejo de alojar-se de cócoras no canto da sala de costas para mim: em sua fantasia, seria esta a posição que lhe garantiria mais conforto e segurança. Só conseguiu usar o divã após vários meses de análise, porém sempre se queixava de fazê-lo a contragosto, precisando marcar sua impressão de que, naquele lugar, ela não passava de um corpo estranho. Ressalte-se, significativamente, que a maior parte das observações que acabo de fazer foram inferidas a partir de atitudes, comportamentos e posturas e, só raramente, complementadas por um ou outro comentário verbal.

Quanto a nossas conversas, sempre foram difíceis, arrastadas, reticentes e freqüentemente interrompidas no meio do caminho. Raramente mencionava algum sonho. Apesar disso, logo emergiu um padrão curioso em nossa comunicação já que ela me parecia uma espiã que precisava falar de modo cifrado e principalmente impessoal, de modo a impedir que sua identidade fosse reconhecida, o quê, imagino, poderia causar algum tipo de desgraça. Contratransferencialmente, esta atitude causava-me desconforto por sugerir uma sonegação de informação “despropositada”.

Gradualmente, foi se delineando um outro padrão em nossa interação caracterizado pela produção de situações abortadas, quer dizer, de processos que se iniciavam, às vezes até com aparente vigor, mas que logo a seguir se interrompiam deixando-nos mergulha-

dos num mar de decepção e/ou perplexidade. Isto ocorria com frequência quando eu mencionava algum novo assunto e ela invariavelmente soltava a exclamação "Vamos lá!" como que a exibir uma disposição permanente de enfrentar o desconhecido: o resultado era um anti-clímax pois ela produzia um comentário mecânico sobre o tal assunto mas o mesmo logo se evaporava, deixando-nos em contato com um vazio reticente. Numa ocasião, vivemos um processo de intensa sexualização da situação analítica, o qual acabou se interrompendo de forma atabalhoada ao final da sessão em função de sua impossibilidade de vislumbrar qualquer outra maneira de encaminhar a situação que não fosse a consumação de um ato sexual real. Após este episódio a sexualidade foi praticamente banida de nossos encontros e, numa ou outra ocasião em que ela timidamente se insinuava, a impressão era de ser deixada de lado face à sua impossibilidade de aproveitá-la de uma maneira construtiva.

Um terceiro padrão que gostaria de mencionar era a quase absoluta falta de impulsos hostis ou agressivos em relação à minha pessoa: raras vezes, ao sair de uma sessão mais difícil, encenava uma batida de porta raivosa ou então, em sessões subseqüentes, me informava ter ficado muito brava comigo. O importante, no entanto, é constatar que eu nunca me senti atacado ou agredido por ela.

Estas informações preliminares pareceram-me necessárias para uma melhor compreensão do material clínico que se segue. A configuração emocional que pretendo destacar inicia-se numa sessão em que a analisanda chega mancando e ainda de pé, faz, como de hábito, um comentário que eu não entendo direito apesar de supor ter ouvido a palavra *obstáculo*, que eu estranhamente associo com uma queda de cavalo já que ela nunca mencionara dedicar-se a qualquer atividade equestre. Menciono a minha vivência mas ela explica que se machucara tentando entrar numa banheira: eu novamente tenho uma associação insólita pois a imagino tentando transpor uma borda de banheira que mais parecia um muro. Entrementes, ela comenta que não conseguia por o pé no chão mas que podia andar usando um salto alto. Passa a falar do sonho que tivera na véspera de uma briga terrível com o marido: sonhara *com um carro que se chocava violentamente contra um muro causando explosões e mortes*. Sua sensação ao acordar é que tinha se libertado de algo importante... no entanto, no dia seguinte ela provocara um desastre brigando com o marido e ausentando-se de casa... (Neste instante sou tomado por um forte sentimento de estar diante de uma oportu-

nidade única, já que ela produzia associações consistentes e elucidativas sobre o episódio. Sinto-me porém impotente para reter tudo aquilo que me estava sendo fornecido e, para minha perplexidade, tenho um impulso irrefreável de anotar o que ela estava me dizendo, coisa que nunca ocorrera anteriormente em décadas de vida profissional como analista. Tendo encontrado uma caneta embaixo de minha cadeira, lanço mão de um catálogo velho e passo a anotar taquigraficamente o seu fluxo verbal copioso.) Ela agora está falando de um outro sonho onde ela se *encontrava numa casa cheia de salas, todas ocupadas por pessoas que estavam aprendendo a desenhar pessoas... alguém a chama numa sala e insiste para ela desenhar... fica emocionada de estar diante de uma folha em branco e relembra o medo que sentia na infância quando se metia a desenhar...* Passa a questionar a presença da casa no sonho... era uma casa antiga que já aparecera em outros sonhos... há uma enorme rampa que desemboca numa sala (Eu associo com um comentário recorrente no início da análise de que *precisaria* construir uma casa para si que já existia em sua mente: um dia trouxe-me um desenho desta casa onde também existia uma enorme rampa desembocando num hall de distribuição). Comenta que estas imagens oníricas têm muita vivacidade e associa isto a um processo de *retomada de realidade* (sic) já que sua impressão é de estar conseguindo juntar peças de um quebra cabeças de uma maneira construtiva. Acha, no entanto, que para reter esta capacidade seria preciso associar o significado daquela casa com algo bom... caso contrário corria o risco de ficar se alimentando de sonhos, ou então de concretizar a destruição representada nos sonhos, como fizera ao brigar com o marido. Lembra-se que numa ocasião munuiu-se de um spray e grafitou todo o interior de sua casa com exceção dos quadros. Declara-se presa de um círculo vicioso: sonho, realidade, sonho, e reclama que eu estava sempre tentando lhe puxar para a realidade.

Alguns dias depois temos uma outra sessão que me pareceu interligada a esta que acabo de descrever. A sessão novamente se inicia com ela murmurando algo ainda de pé, sem que me fosse possível escutar. Acomoda-se no divã e então fico sabendo que tinha comentado que eu deveria sentar-me logo para começarmos a sessão. Tentamos fazê-lo mas esbarramos nas dificuldades habituais: falta de associações, queixas vagas sobre problemas não resolvidos, sobre o cansaço de fim de ano, e assim por diante. Comento que seu comentário de que eu deveria sentar-me logo poderia ser um bom ponto

de partida para uma conversa nascida no calor de nosso encontro. Ela porém mantém seu estado de imobilidade psíquica fazendo-me sentir que a “fonte de associações” que acabáramos de descobrir já estava cercada por uma muralha ou mesmo ladeada por uma lâmina cortante prestes a seccionar qualquer associação que se esboçasse, como uma espécie de guilhotina.

Percebo que está aflita com o travamento da situação: produz então o que eu chamaria de uma falsa associação, quer dizer, qualquer coisa que lhe veio à mente com a função de preencher o vazio que a incomodava. Ela reconhece sua impossibilidade de levar adiante a experiência vivida por nós no início da sessão: ao tentar se expressar, percebo que hesita como que a procurar o termo adequado; eu intuo que o termo procurado e não encontrado era “dar seqüência”; ela reconhece que esta expressão não constava de seu dicionário. Pergunta-me o porquê desta sua impossibilidade e eu de imediato evoco uma ponderação teórica comigo mesmo de que provavelmente deveria ser consequência de alguma falha estrutural na constituição de sua psique (note-se que isto ocorreu antes que eu tivesse notícia sobre as idéias de Anzieu e col. sobre o envoltório psíquico).

Neste momento, sai de sua letargia e menciona com inusitado entusiasmo que gosta muito de tomar sorvete. Explica ter tido um sonho no qual *segurava uma casquinha de sorvete mas não conseguia tomá-lo pois ela estava toda furada e, além do mais, em vez de conter sorvete, estava cheia de leite. Era uma situação angustiante pois o líquido escapava pelos orifícios até que finalmente ela encontrou uma solução pois percebeu que no finzinho do cone ficava um pouco de líquido que se parecia com um bichinho minúsculo*. Vejo-me neste momento às voltas com uma reflexão racional acerca de sua “solução”: parecia-me evidente tratar-se de uma solução mágica, provavelmente calcada na expectativa de que só um “bichinho líquido amestrado” poderia escapar à força de gravidade e entrar em sua boca sem escoar pelos orifícios.

Curiosamente, esta imagem da casquinha de sorvete furada sugeria com bastante expressividade uma falha estrutural na constituição de sua concepção do seio, já que a existência de um continente furado implica na impossibilidade de acumular contiguamente “elementos de significado” que, ao serem posteriormente nomeados, poderiam gerar *seqüências de significado*. Se pensarmos nos termos do trabalho onírico-alfa proposto por Bion, o

ideograma produzido neste caso é o de um “seio-ralo” ou se quisermos, de um “continente-ralo” que permite o escoamento de todo e qualquer significado.

Duas sessões após, retomamos a questão da “falha estrutural” e eu lhe apresento uma reflexão que me parecera uma elaboração daquele assunto. Sugiro que o cone cheio de leite representava um seio invertido e que a fórmula mágica do “bichinho líquido” seria provavelmente uma defesa contra sua agressividade oral a qual, inevitavelmente, estaria propensa a morder a ponta do cone, ou seja o mamilo, para apossar-se com violência do restinho de líquido ali sequestrado.

Ela associa dizendo ter mania de morder tudo que lhe cai nas mãos como canetas, chaveiros, e coisas que tais. Enquanto ela me conta isto, pondero comigo que, estranhamente, isto não ocorria na nossa experiência psicanalítica: imediatamente porém, percebo que isto não era verdade já que poderíamos perfeitamente inferir que ela estava o tempo todo “mordendo”, e portanto mutilando, suas associações nascentes.

Apresento-lhe estas idéias e ela quase que reflexamente me pergunta qual a explicação para esta sua mania de ficar mordendo as coisas: eu, por meu turno, mais uma vez sinto-me contratransferencialmente irritado com esta sua intolerância de manter-se em contato com uma situação nova e desconhecida. Ela praticamente “lê” meus pensamentos-sentimentos e mais uma vez, lamenta sua dificuldade em poder agüentar o desconhecido.

Lembra-se então de uma velha compulsão que a impele, sempre que as coisas andam mal em seu casamento, a buscar uma relação sexual extra-conjugal. Interpreto-lhe que, se transferíssemos o modelo do “seio furado” para a situação do momento, poder-se-ia dizer que ela estava com medo que as idéias seminais que eu estava lhe transmitindo sexualmente pudessem se escoar pelos orifícios de sua mente-vagina defeituosa, induzindo-a a buscar, fora de nossa relação, outro analista que pudesse melhor satisfazer suas necessidades de retenção das idéias germinais. Desta vez, sinto que ela finalmente consegue ficar em contato com aquilo que acabara de ouvir.

12) O encapsulamento autístico

Didier Houzel (1987) nos lembra que pelo fato da Psicanálise ter se iniciado pelo estudo das neuroses, os analistas se ocuparam

muito dos conteúdos do psiquismo, como as representações de coisa e de palavra, as fantasias inconscientes, os objetos internos e assim por diante, descuidando-se do estudo do continente do psiquismo. O desenvolvimento da psicanálise de crianças autistas bem como de pacientes psicóticos e "borderline", incrementaram os estudos das estruturas limitantes, envoltentes e continentes. Apesar de vários analistas terem estudado o autismo (Haag, G. 1985, 1992, Meltzer et. Al. 1975, Klein, S. 1980) acho que foi Frances Tustin quem mais contribuiu para seu esclarecimento com seus conceitos de *objetos autísticos* e *formas autísticas*. De fato, ameaçadas de se dissolverem, as crianças autistas reagem formando uma capsula artificial, pela interferência de objetos autísticos sólidos ou então de formas autísticas tranquilizadoras. Deste modo, buscam uma falsa proteção para suas vivências de não-existência conseqüentes à falta de uma pele contensora viva e palpitante: este artifício é um mero supressor de seus sofrimentos, levando a um "engarramento" de suas explosões de mágoa e raiva.

Em seu último livro (Tustin, F. 1992) ela introduz a noção de uma "concha protetora" a partir da experiência com um paciente que constrói uma roupa-armadura de papelão: em função deste artefato, os objetos passam a ser definidos por suas superfícies externas sensoriais e a noção de interior passa a ser ou negativa, ou secundária, por constituir um espaço margeado por superfícies externas. Em função disto, os interiores são rasos, vazios ou preenchidos com substâncias degradadas: isto concorda com a visão de Meltzer (1975) de que, na bi-dimensionalidade, há uma restrição da imaginação pela falta de um espaço interno onde possa ocorrer a fantasia como ação de ensaio e, depois, como pensamento experimental. A hiper-definição das superfícies corporais através do encapsulamento, aumenta a sensação de alienação da criança pois esta se sente possuindo um buraco negro no centro de seu ser.

Foram estes tipos de dados que estimularam os estudos de D. Anzieu e colaboradores (1987) a respeito dos envoltórios psíquicos.

13) Os envoltórios psíquicos

Como vimos, já no Projeto, Freud (1895) define o Ego como uma instância metapsicológica, dando-lhe o significado de uma estrutura continente e limitante. D. Anzieu foi o primeiro a utilizar o

termo envoltório psíquico (*enveloppe psychique*) em seus artigos de 1974, *O Eu-Pele*, e de 1976, *O Envoltório Sonoro do Self*. Em 1987 escreveu com vários colaboradores o livro *Les enveloppes psychiques*, onde o envoltório psíquico é definido como o plano de demarcação entre mundo interior e mundo exterior. Suas principais funções seriam: contenção dos objetos internos, proteção do psiquismo de uma energia exterior excessiva e estabelecimento de uma conexão entre os objetos do mundo perceptivo e do mundo interno.

Os traumatismos originários geradores de distorções nos envoltórios psíquicos derivar-se-iam de alterações nas oposições distintas primárias: sensoriais, cinestésicas e rítmicas. Como resultado teríamos deformações gerando encolhimento, ondulações, desgarramento, explosão e perfurações como no caso clínico mencionado.

Anzieu propõe um homomorfismo entre setting analítico e envoltório psíquico: tudo se passaria como se o paciente projetasse sobre o setting seu próprio envoltório psíquico. Com estes pacientes, a experiência analítica deveria permitir que eles vivenciassem as experiências estruturantes que não tiveram na primeira infância.

O passo seguinte (Anzieu 1994) é poder estabelecer uma correlação entre as alterações estruturais dos envoltórios psíquicos e os distúrbios de pensamento. Em resumo, Anzieu postula que as interdições definiriam os perigos externos, enquanto os interditos assinalariam os perigos internos. Todo interdito seria uma interface que separaria duas regiões do espaço psíquico, dotadas de qualidades psíquicas diferentes. O interdito de tocar por exemplo, constituinte básico da situação edípica nas vertentes incestuosa e parricida, passa a ser visto como elemento estruturante fundamental do pensamento, através da função de holding do Eu-pele, precursora da função articuladora do Eu-pensamento.

14) - Em busca do espaço perdido

Bion, na introdução da primeira parte de sua trilogia *Uma memória do Futuro* (1991), significativamente denominada de *O Sonho*, adverte-nos que o livro contém mudanças de significado e de ritmo dificilmente detectáveis pelos modos humanos de pensamento, a não ser que este pensamento pudesse ocorrer num espaço similar ao astronômico. Um pouco adiante, no 8º “bloco de vivências” (modalidade localizadora equivalente àquilo que estamos acostuma-

dos a chamar de capítulos), somos confrontados com um exemplo prático desta dificuldade quando dois personagens inicialmente autônomos, Alice, a patroa, e Rosemary, sua empregada, após uma série de interações de ordem emocional, social, histórica, e assim por diante, fundem-se num só sujeito que passa desesperadamente a indagar sobre sua identidade. Resumirei a passagem para que possamos sentir o clima do esforço sobre-humano demandado por esta indagação. Diz Bion:

O sono desprovido de sonhos terminara. O dia estava tão vazio de eventos, ou seja, fatos intrínsecos à vigília, quanto a noite fora de sonhos. Refeições foram servidas a ambas as moças. Elas se deram conta de nada saber a respeito da comida: os "fatos" diurnos e noturnos pareciam defeituosos e mutilados. É como se elas produzissem sonhos mutilados aos quais faltasse uma dimensão, como um corpo sólido que fosse iluminado mas não projetasse sombra. Já não se podia distinguir o mundo da realidade e dos fatos, daquele dos sonhos, da inconsciência e da noite. O universo norteadado pela discriminação ficara substituído por pensamentos com e sem pensadores⁸.

⁸ Os trechos transcritos foram traduzidos livremente pelo autor.

Após este intróito cenográfico, Bion descreve a crescente indiscriminação entre Alice e Rosemary, fruto da progressiva conscientização da relatividade dos valores, do tipo de educação, status social, etc. À medida que Alice vai se extasiando com os dotes de uma Rosemary que ela antes não reconhecia, esta vai ficando perplexa diante da situação inusitada e aceitando com temor e relutância sua "equivalência mental" com a ex-patroa.

Alice levanta os olhos aos céus em atitude de adoração e indaga: *Quem és tu? Será que não conseguirei te ver do jeito que tu és?* (Nesta altura, torna-se claro que a indagação aflita a respeito da natureza do objeto confunde-se com a indagação a respeito da natureza dela-mesma). O diálogo intermitente que se segue é impressionante por sua qualidade onírica:

— *Sou o que sou. Sou Deus e o Demônio. Sou o fogo infernal. Sou o fogo venerado por todos os homens. Sou Manon⁹. E este quem é?*

— *Sou a disputa. Fui eu que enviei Deus contra Manon. Enviei a vulva contra o pênis, o continente contra seu contido. Eu induzi o descarnado a devorar o carnudo. E tu, quem és?*

— *Sou o sonhador. Sou eu quem sonha o sonho. Sou o covil no qual fui enterrado. E tu, quem és?*

⁹ Este nome que sem sírfaco significa "o Deus das riquezas", foi usado por Milton para designar um dos generais de Satã.

— *Sou o pensamento que encontrou um pensador. E tu, quem és?*

— *Sou o ladrão que te droguei para que tu não desses conta de estar sendo conceitualizado. [...] Para que não percebesse que a direção na qual estavas sendo roubado ia do nada até a inconsciência, até o sono, até o sonho, até pensamentos de vigília, até pensamentos oníricos, até a nulidade, até o zero, até o Ó = Oh! , até o círculo que é a imagem de um buraco, ou de uma boca ou vagina voraz que busca a liberdade perfeita, que é a morte como perfeita liberdade, que é o diapasão perfeito, ou a cor absoluta, ou a Vida Eterna, ou a Morte Eterna, ou o Moto Perpétuo, ou a Inércia Perpétua, ou o Espaço Absoluto, ou o espaço mental espaçóide no qual existem objetos tão compactos que são como as anãs brancas, ou tão dispersos e raros que só podem ser apreendidos por meios finitos como a Lei de Poisson que governa os eventos infreqüentes, ou um espaço tão absoluto que sua vida mental fica destruída como num corpo que se torna anêmico porque a mente se perde como o sangue num corpo cujos capilares são tão vorazes que não sobra sangue para o resto. Quem és tu?*

Resumo

Este trabalho nasceu do impacto causado pela afirmação de Bion de que, em sua experiência, o que poderia melhor caracterizar a invariante sob psicanálise, seria a noção de espaço. Em seu entender, a personalidade não-psicótica lida com o espaço ocupado por não-objetos através do pensamento enquanto a personalidade psicótica, impossibilitada de fazê-lo, projeta os sentimentos não-pensados, num espaço pluri-dimensional.

O mapeamento deste “espaço psicótico” demanda um tipo de apreensão que se estenda de uma infinitude macrocômica afim ao espaço astronômico, até a uma infinitude microcômica, como a do oceano virtual das partículas sub-atômicas.

Os modelos cunhados por Freud para descrever a topografia do psiquismo guardaram sempre, ao longo de sua obra, uma evidente conotação espacial. Os estudos de Federn a respeito das fronteiras do Ego permitiram, por seu turno, uma compreensão metapsicológica sutil das reações egóicas à dor psíquica.

Com o advento das teorizações kleinianas a respeito do

mundo interno povoado por fantasias inconscientes, entramos num universo aparentemente reificado que gradualmente, no entanto, foi revelando sua eficácia clínica na compreensão dos estados psicóticos e autistas. Na esteira de suas críticas à “concretude” kleiniana, Matte-Blanco viu-se obrigado a justificá-las através da proposição de um espaço psíquico multi-dimensional para contrapor-se à visão kleiniana de que o interjogo de introjeções e projeções ocorria tão somente num espaço euclidiano clássico.

Mais recentemente, a experiência com o autismo infantil alimentou a teorização a respeito dos *envoltórios psíquicos* desenvolvida por Didier Anzieu e colaboradores, a partir dos conceitos de *Eu-pele* e *Eu-pensamento*.

Para ilustrar a clínica do continente psíquico, um caso é apresentado em que perfurações estruturais do continente causaram um escoamento contínuo de todo e qualquer “elemento de significado”, gerando um estado psíquico de rarefação identitária.

Summary

This work was born under the impact of Bion's statement proposing the notion of space as the best way of outline the invariant under psycho-analysis. In his understanding, the non-psychotic personality deals with the space filled by non-objects through thinking while the psychotic personality, foreclosed of doing so, projects its unthought feelings in a multi-dimensional space.

The mapping of such a “psychotic space” involves a kind of apprehension that runs from a macrocosmic infinitude akin to astronomical space, to a microcosmic infinitude, as found in a virtual ocean of sub-atomic particles.

Freud's models in describing psychic topography throughout his work kept always an spatial connotation. Federn's studies concerning ego boundaries allowed, in due time, a subtle metapsychological understanding of ego reactions to psychic pain.

With the formulation of kleinian theorizations concerning the internal world full of unconscious phantasies, we reach an apparently reified universe which, nevertheless, has gradually revealed its clinical efficiency in the understanding of psychotic and autistic states. In the stream of his criticisms to kleinian “concreteness”, Matte-Blanco felt himself obliged to justify them through the proposition of an multi-dimensional psychic space, to counterbalance

the kleinian outlook that the interplay of projections and introjections occurred only in a classical Euclidian space.

More recently, the experience with child autism supported a theorization about psychic containers developed by Didier Anzieu et al., through his concepts of *I-skin* and *I-thinking*.

In order to illustrate the clinic of psychic container a psychoanalytical experience is shown in which structural perforations of the container caused a continuous leakage of every "elementary meaning", producing a psychic condition of identity rarefaction.

Bibliografia

Anzieu, D. et al. (1987) - *Les enveloppes psychiques*. Ed. Bordas (Paris). Trad.: *Las Envolturas Psíquicas* (Amorrortu editores, Buenos Aires, 1990).

Anzieu, D. (1989) - *O Eu-pele*. Ed. Casa do Psicólogo (São Paulo).

— (1994) - *LePenser: Du Moi-peau au Moi-pensant*. Dunod (Paris).

Bachelard, G. (1996) - *A Poética do Espaço*. Ed. Martins Fontes (São Paulo).

Beckett, S. (1970) - *Le Depeupleur* (em inglês *The Lost Ones*). Cit. in, *Le Penser: Du Moi-peau au Moi-pensant*, op. cit.

Bick, E. (1968) - *The Experience of the skin in early object-relations*. Int. J. Psychoanal. 49 (2/3): 484-86.

Bion, W.R. (1959) - *Attacks on linking*. In *Second Thoughts*, W. Heinemann (London, 1967).

— (1963) - *Elements of Psycho-analysis*. W. Heinemann (London).

— (1965) - *Transformations: Change from Learning to Growth*. W. Heinemann (London).

— (1970) - *Attention and Interpretation*. Tavistock Publications (London).

— (1991) - *A Memoir of the Future*. Karnac Books (London).

Britton, R. (1989) - *The missing link. Parental sexuality and the Oedipus Complex*. In Steiner J. (Ed.) - *The Oedipus Complex Today: clinical implications*. Karnac Books (London).

Buarque de Holanda, S. (1992) - *Visão do Paraíso*. Ed. Brasiliense (São Paulo).

Cassé, M. (1993) - *Du vide et de la création*. Ed. Odile Jacob (Paris).

Eigen, M. (1993) - *The Psychotic Core*. Jason Aronson Inc. (New Jersey).

Ende, M. (1984) - *HOR*. In *O Espelho no espelho: um labirinto*. Ed. Marco Zero (São Paulo).

Federn, P. (1952) - *Ego Psychology and the Psychoses*. Edited by Edoardo Weiss. Basic Books (New York).

Freud, S. (1895a) - *Extracts from the Fliess papers* (págs, 206-12). The Standard Edition of The Complete Psychological Works Of Sigmund Freud: vol. 1. The Hogarth Press (London).

— (1895b) - *Project for a Scientific Psychology* (págs. 283-92). S.E. op.cit., vol.1.

— (1895c) - *Studies on Hysteria*. S.E. op. cit., vol. 2.

— (1900) - *The Interpretation of Dreams*. S.E. op. cit., vols. 4-5.

— (1911) - *Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia*. S.E. op. cit., vol. 12.

— (1920) - *Beyond the Pleasure Principle*. S.E. op. cit., vol. 18.

— (1923) - *The Ego and the Id*. S.E. op. cit., vol. 19.

— (1925) - *A Note upon the "Mystic Writing-Pad"*. S.E. op. cit., vol. 19.

— (1933) - *New Introductory Lectures on Psycho-analysis*. S.E. op. cit., vol. 22.

— (1938) - *Findings, Ideas, Problems*. S.E. op. cit., vol.23, pág. 300.

Green,A. e Dennet,J.L. (1973) - *L'Enfant de Ça*, Ed. Minuit. (Paris) Cit. In Green,A. (1988): *Narcisismo de vida-Narcisismo de Morte*, Ed. Escuta (São Paulo).

Green, A. (1975) - *O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico*. Publicado originalmente no Int. J. Psychoanal. Vol. 56. Tradução in, *Sobre a loucura pessoal* (1988), Imago Editora, (Rio de Janeiro).

— (1988) - *Sobre a loucura pessoal*. op. cit.

Grotstein,J. (1978) - *Inner Space:Its Dimensions and its Coordinates*. *Int.J.Psychoanal.* (1978) 59, 55.

— (1981) - *Splitting and projective identification*. Jason Aronson, (New York, Londres).

Haag, G. (1985) - *De l'autisme à la schizophrénie chez l'enfant*. *Topique*, 35-36, p. 47-65.

— (1992) - *Fear of fusion and Projective Identification in Autistic Children*, *Psychoanalytic Inquiry*, 13,1.

Houzel,D.(1985) - *L'evolution du concept d'espace psychique dans l'oeuvre de Melanie Klein et de ses successeurs*. In Melanie Klein *Aujourd'hui*, Ed. Césura (Lyon).

— (1987) - *Le concept d'enveloppe psychique*. In Les

Enveloppes Psychiques, op. cit.

Klein, M. (1930) - *The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego*. In *Love, Guilt and Reparation and Other works (1921-1945)*. The Hogarth Press (London).

— (1946) - *Notes on Some Schizoid Mechanisms*. In *Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)*. The Hogarth Press (London).

Klein, S. (1980) - *Autistic phenomena in neurotic patients*. Int. J. Psycho-Anal. 61: 395-401.

Maistre, X. de (1989) - *Viagem à roda do meu quarto*. Ed. Estação Liberdade (São Paulo).

Matte-Blanco, I. (1975) - *The Unconscious as Infinite Sets: an Essay in Bi-Logic*. Duckworth (London).

— (1988) - *Thinking, Feeling and Being*. Routledge (London-New York).

Mello e Souza, L. (1995) - *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. Ed. Cia. das Letras (São Paulo).

Meltzer, D. e Harris, M. (1980) - *Les deux modèles du fonctionnement psychique selon M. Klein et selon W.R. Bion*. Rev. Franc. de Psychan., 44 (2): 355-67.

Meltzer, D., et al - (1975) *Explorations in Autism*. Clunie Press (Perthshire).

Meltzer, D. (1992) - *The Claustrum*. Clunie Press (Perthshire).

Money-Kyrle, R. (1961) - *Man's Picture Of His World*. Int. Univ. Press (1961).

— (1968) - *On Cognitive Development*. Int. J. Psycho-Anal. 49, 691-98.

Ogden, T.H. (1986) - *On Potential Space*. Int. J. Psycho-Anal. 66. 129-41.

Rozenberg, M. e Boraks, R. (1997) - *Mais alguém do Princípio do Prazer*: Trabalho apresentado na SBPSP em 6/11/97.

Schilder, P. (1935) - *The Image and Appearance of the Human Body*. Int. Univ. Press (New York, 1950).

Segal, H. (1957) - *Notes on symbol formation*. Int. J. Psycho-Anal. 38, 391-97.

Spence, J.D. (1986) - *O Palácio da Memória de Matteo Ricci*. Cia. das Letras (São Paulo).

Tausk, V. (1919) - *On the origin of the "influencing machine" in schizophrenia*. In R. Fliess (Ed.), *Psychoanalytic Reader*. Int. Univ. Press (New York, 1948).

Tustin, F. (1992) - *The Protective Shell in Children and Adults*. Karnac Books (London).

Winnicott, D.W. (1967) - *The location of cultural experience*. In *Playing and Reality*. Basic Books (New York).

— (1968) - *The use of an object and relating through identifications*. In *Playing and Reality* op. cit.

— (1971) - *The place where we live*. In *Playing and Reality* op. cit.

Luiz Carlos U. Junqueira F^o.

Rua Helena 170, conj. 123

Fone-Fax (011) 822-3060

CEP-04552-050 - SÃO PAULO - SP